

Leituras Crí ti cas

CARRANCA, C. (2020). *POEMAS ABSURDOS/A PALAVRA E O MUNDO*.
TALENTILICIOUS. FIGUEIRA DA FOZ: 162 PP.
MARIA CARLOS LINO DE SENA ALDEIA

CONRAD, S. (2019). *O QUE É A HISTÓRIA GLOBAL?*.
EDIÇÕES 70. LISBOA: 311 PP.
SÓNIA VAZÃO

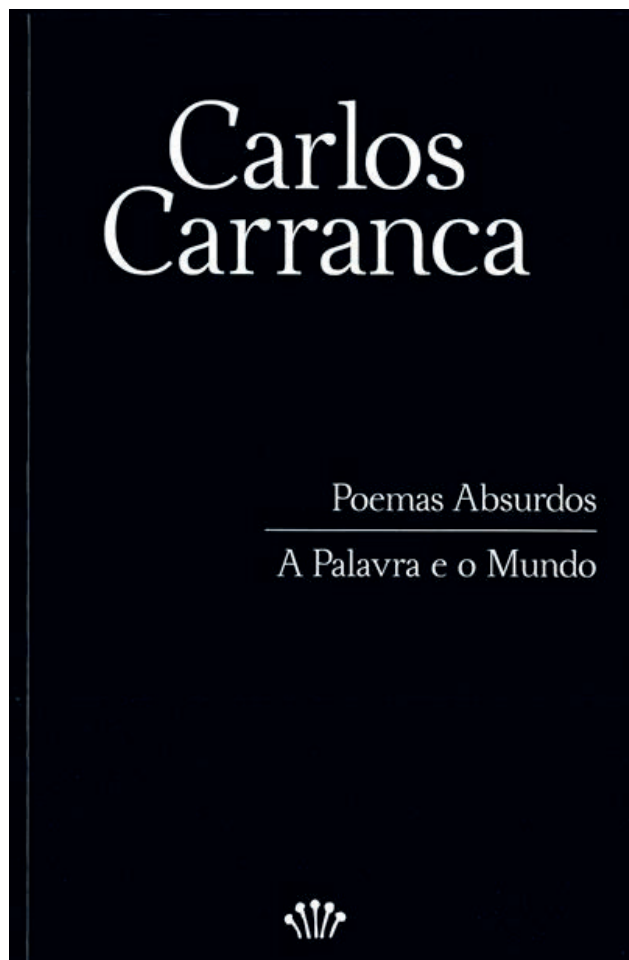
KANDJIMBO, L. (2019). *ALUMBU*.
O CÂNONE ENDÓGENO NO CAMPO LITERÁRIO ANGOLANO.
PARA UMA HERMENÊUTICA CULTURAL.
MAYAMBA. LUANDA: 194 PP.
ERMELINDA LIBERATO

SCOLARI, C.A. (ED.). (2015). *ECOLOGÍA DE LOS MÉDIOS*.
ENTORNOS, EVOLUCIONES E INTERPRETACIONES.
GEDISA. BARCELONA: 297 PP.
LUÍS M. FIGUEIREDO RODRIGUES

Carranca, C. (2020). *Poemas absurdos/A palavra e o mundo*.

Talentiçios. Figueira da Foz: 162 pp.

MARIA CARLOS LINO DE SENA ALDEIA¹



*Acende a candeia, deixa passar a luz no teu caminho,
lê os poetas e deixa que a liberdade que escreveram
em todas as línguas te seja leito, mapa,
a terra e todos os seus nomes.*

A carta secreta de Anapalavra ou a morte dos poetas
(Tavares, 2019)

Carlos Carranca², nascido na Figueira da Foz, poeta, ensaísta, docente universitário, declamador, cantor do fado de Coimbra, grande animador cultural, deixou absurdamente este mundo, há pouco mais de um ano, perante a nossa dolorosa estupefação face ao acontecimento e à humana incapacidade de impedir o cruel ditame dos deuses, que arrebatou prematuramente um homem cheio de vida, alegria, benevolência e humanidade, de elevada

¹ CLEPUL, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa (Portugal).

² Homenageado com a Medalha de Mérito Cultural do Município de Cascais. A Câmara Municipal da Lousã instituiu um prémio literário com o seu nome, o Prémio Literário Carlos Carranca.

estatura moral e notável trabalho intelectual desenvolvido em prol da sociedade. Tendo nascido para o magistério, acolhia os alunos com a informalidade e a simplicidade que o caracterizavam e que são apanágio apenas dos mestres sábios. Era também um ser eminentemente convivente e agregador em torno da sua figura, assim como de outras de quadrantes político-ideológicos diversos, uma vez que era afetivo e respeitador de opiniões diferentes das suas. Como o próprio afirmara em obra anterior, a sua pátria girava em torno da humanidade e da fraternidade, ela era a sua «Frátria». Porém, como se referiu, Carlos Carranca era também o poeta, e, como bem sabia, os poetas permanecem entre os vivos para com eles irem convivendo para sempre, pelo que generosamente nos ofereceu um inestimável legado, não apenas poético, mas onde também se incluem obras de teatro e ensaios, parte do qual é já bem conhecido do público e que só por si, pela sua qualidade literária, já elevava o poeta ao panteão da imortalidade. A esse significativo legado se juntarão duas obras inéditas que vieram a público postumamente, num único livro de poemas, tendo sido escritas na fase mais dramática da sua existência, mas que celebraremos com exaltação positiva, como um hino à felicidade de comprovar a permanência do poeta Carlos Carranca entre nós, os seus familiares, os seus amigos, os seus admiradores e todos os que queiram conhecer a sua notável criação literária.

As duas obras póstumas foram agora editadas em livro único, com posfácio de Eugénio Lisboa e de Isabelina de Sousa Ferreira, graças ao carinho e dedicação de sua mulher, filhos, amigos e da Tal-Editora/Talentilicious, e intitulam-se *Poemas absurdos* e *A palavra e o mundo*.

Formalmente, os poemas que constituem a primeira parte do livro, intitulada *Poemas absurdos*, têm esquemas estróficos variados, enquanto os da segunda parte, *A palavra e o mundo*, se caracterizam por serem todos eles tercetos com uma só estrofe, de inspiração no *haiku*, mas sem obediência aos seus formalismos, procurando exprimir instantâneos do pensamento de forma concisa, através de uma linguagem depurada e de grande poder imagético.

«Poema», «absurdo», «palavra», «mundo», são palavras-chave no universo poético de Carlos Carranca, ganhando esta matriz uma relevância especial nestes poemas escritos numa fase existencial de grande acuidade de sentimentos. Partindo delas e expandindo-as numa criativa elaboração semântica com outros signos, o poeta sustenta as suas múltiplas reflexões sobre a existência do Homem e a sua relação consigo mesmo, com o outro, humano ou não, a natureza e Deus, ou a transcendência, sobre o sofrimento, a inevitabilidade da finitude existencial, a fugacidade da vida e a iminência da morte e ainda a perplexidade perante o insanável desconcerto do mundo, com o seu rol de perversidades e iniquidades.

O poeta, que sempre se sensibilizou com o sofrimento do mundo, enfrenta ele próprio uma provação que o remete para uma enorme solidão que ele reverbera, cumprindo-se «patético, sozinho» (p. 34), mas juntando à sua as dores dos outros, dos que lutam sem esmorecimento, vindo «à tona após o sofrimento» (p. 25): «Estamos os quatro recolhidos cada um / em sua concha de tristeza», «estamos os quatro deitados ao comprido / recolhidos com fantasmas pelo meio» (p. 21). Nessa cruzada dolorosa, ele rememora a vida no que ela tem de belo pela mão da poesia, a «guia dos saberes que mudam / e permanecem porque dizem o mesmo / e não esquecem e são jovens como eram dantes» (p. 11), como referido no poema «À Poesia», escolhido para inaugurar esta sua obra.

Nessa rememoração, o sujeito poético, «poeta ambulante de paisagens» que «dormit[a] sobre o longe» (p. 67) que reside nele, dialoga com a natureza, num viés panteístico, como entidade detentora de saberes que escapam à vertigem da vivência humana, seja o «mar iniciático e limpo» (p. 40), lugar privilegiado para o sujeito lírico conseguir alcançar «outra longura» (p. 40), onde «conchinhas pedras pequenas» prefiguram a «santidade do mundo» (p. 84), num intertexto plural, seja com poemas de Sophia ou com os versos de *Clepsidra* de Camilo Pessanha, «Seixinhos da mais alva porcelana, / Conchinhas tenuemente cor de rosa» (Pessanha, 1979: 91), mas com um sentido ainda diverso dos de Pessanha, os quais

já envolvem uma ideia de desagregação física que nos versos do poema de Carlos Carranca não será tão evidente, talvez porque o sujeito poético, no seu agónico apego à vida, rejeite a ideia de dissolução intrinsecamente ligada à morte, mas queira tão somente evidenciar um sentido de progressiva degradação física que a vida envolve.

Recorda o pinheiro gigante, guardião da casa; as «três oliveiras irmãs»; a «tília que cinge de paz e de mel / os odores do mês de Junho»; o «sol filtrado / pelos bagos negros das uvas pintando na latada» (p. 42), elemento purificador que «nos transporta / para outra dimensão da fantasia» (p. 47); a inspiradora serra da Lousã, detentora de saberes ancestrais, que «levanta dentro [do poeta] / um poema» (p. 97); as flores ou os frutos, onde a beleza e o erotismo se mesclam: «Na casa há um limoeiro sensual / Esfrega-se na parede, de tetas rijas, luminosas, / entre as cores subtis dumas orquídeas, / e a presença solitária dumas rosas» (p. 41); ou ainda o «gato vadio que [lhe] pulava para o colo / e se sentava entre os livros e sussurrava poemas / e [ele] a tentar decifrá-los» (p. 42), revelando uma relação simbiótica com o animal, uma cumplicidade na partilha «que nos guia ao lugar fecundo / onde cada ser é o mundo» (p. 37).

Toda esta perceção sensorial da beleza da natureza, em que esta se anima de sentimentos humanos e o sujeito lírico lhe bebe a sabedoria e se interliga com ela em união cósmica

mica, na linha do pensamento whitmaniano – «Separando a erva dos prados, aspirando o seu raro aroma, / Dela reclamo a espiritualidade» (Whitman, 2003: 165) –, se conjuga com a busca de paraísos e ancoradouros como o da inocência da infância perdida, que o poeta guarda dentro de si «como novelos de perfume uma fragrância» (p. 17), ou o arrimo dos amigos, os poucos que se dispõem a dar «o seu colete salva-vidas» (p. 19), bordões que ajudam a desocultar «Versos de esperança.../ cobertos por camadas de vida / que o tempo vai guardando» (p. 33) e que permitem a fuga do labirinto de um «destino insensato» (p. 30) e de uma sufocante solidão irmanada com os plátanos da Praça de Espanha na hora em que os deuses abandonaram o homem à sua sorte, à desesperança, e os tornaram «despojados / do sentido eterno da existência» (p. 16).

No paroxismo do desespero deste abandono, o sujeito lírico pergunta angustiado «Quem nos vem salvar...?» (p. 31), mas logo compreende que é chegado o momento de se libertar dos grilhões a que a desesperança o acorrentou e de fazer rolar a pedra montanha acima, de renascer – «Chegou a hora do segundo nascimento», «Chegou a hora de recomeçar / sem convenções nem tempo» (p. 24) –, hora em que o eu transmutado em «eternidade sem tempo» (p. 39) é o homem que se faz poeta e sobe ao céu, como só o conseguem «as almas / iludidas de poemas» (p. 82). E desse modo o homem-poeta se supera e supera a própria vida e a adveniência das coisas com

a aceitação do inevitável, não numa perspectiva de resignação ou conformismo, mas numa espécie de aquiescência do *amor fati*, harmonizando essa inevitabilidade numa confabulação mitificada entre sujeito, alteridade e poesia, mergulhando no silêncio de si mesmo até à essência das coisas para tentar, através do espírito criador de artista, chegar a uma epifania que o ajudará a desvelar o caminho para a compreensão do sentido do ser, «a tragédia / de ser» (p. 149), e a sua relação com o não-ser – este não entendido como o nada, mas como alteridade, parte inerente do ser, mas também distinta dele –, e para entrever o conhecimento e a verdade, realizando, assim, uma reconstrução poética do real: «Ensimesmei-me / e só comigo encontro o que preciso / e por mais paradoxal que pareça / é em não-ser que acredito» (p. 18).

Esta poesia reflete também as inquietações sempre residentes na poética de Carlos Carranca sobre os males do mundo, observados e captados pela sua sensibilidade de poeta ao longo do seu peregrinar pela vida e que conferem um certo pendor franciscano ao seu pensamento. Salientaremos apenas algumas dessas apreensões do sujeito poético, como a vileza que o endeusamento do dinheiro pode causar, desviando-nos do humanismo – «é vergonhoso / amar o dinheiro – / desvia-nos dos vivos» (p. 124) –, ou outras flores do mal da sociedade, como a insensibilidade de um qualquer «presidente do conselho de administração» (p. 146), algo que se afigura estar

próximo da designação «o estratégico» usada em tom irónico por Fernando Pessoa na voz de Bernardo Soares, que se caracterizava por em «cada lance do seu jogo p[ô]r noite em milhares e mágoa em três mil corações» (Pessoa, 2011: 258). Reflexões que se entrelaçam com preocupações diversas, como a pobreza e a luta pela sobrevivência — «mendigos / que sobrevivem ao frio da noite» (p. 70) —, bem como a ausência de verdade dialogal entre os seres humanos que a sociedade impõe, obrigando-nos a um jogo de máscaras onde é fácil perdermo-nos na sedução da mentira conveniente ou no silêncio pecaminoso que nos retira a coragem para denunciar injustiças quando esse ato pode envolver a perda dos nossos privilégios — «falta dizer /por que motivos torpes / nos calamos» (p. 115) —, ou a crítica a uma certa decadência dos valores políticos e sociais perspetivados pela Revolução de Abril — «há cravos / e ninguém sabe de abril / que se evapora» (p. 66) —, ou ainda a exploração e apropriação do ser humano pelo outro em razão de qualquer falsa atitude de supremacia, rática ou outra — «junto do seu dono / o negro / treme» (p. 141) —, razões egoístas ou perversas que amarram o homem ao vil apelo mundano, peias que o impedirão de atingir o carácter nobre da essência da vida que nela se oculta e que só poderá ser desvendado por aqueles que se dispuserem a tentar compreender a superioridade ontológica do bem e a percorrer o árduo caminho

do despojamento da roupagem que seduções mefistofélicas lhe impingiram.

Carlos Carranca foi sempre um poeta envolvido com o mundo, interessado na situação histórica da sua época. Grande admirador de Miguel Torga, cumpre a máxima torguiana que afirma que «onde está ou tenha estado um homem é preciso que esteja ou tenha estado toda a humanidade» (Torga, 2002: 11). A sua subjetividade integra-se na subjetividade universal, que depois se interiorizará dialeticamente no seu eu para, desse modo, ir desvendando novos caminhos do eu consigo mesmo, na sua relação com o outro e no afã que sempre lhe assiste da inter-relação com a divindade. A tentativa dialógica com Deus, sempre reiterada em toda a poética do autor, não deixa de estar presente nestes poemas, em que o sujeito poético denota uma sensibilidade exacerbada em razão do sofrimento em que se encontra: «a transcendência / cava fundo» (p. 112). Ainda que o niilismo tenha matado Deus, ele persiste em renascer continuamente em cada ser vivo, tal como no sujeito poético, que acredita que Deus será sempre «o ponto de partida, / o cenário, a voz, a própria vida» (p. 46), e que será através da singeleza dos elementos da natureza que dele se aproximará: «*pelas mãos do vento / chego à tua beira / e creio em ti*» (p. 106). Não obstante se achar «cansado de dogmas e de ritos» associados às múltiplas formas de culto, o eu lírico continua a crer «na sua luz implícita-mente / morta», referida em poema de obra anterior

(Carranca, 2016: 28), ou na «sua não-existência consentida / apregoando um cepticismo inquieto» (p. 46). A este respeito, considerando o percurso de vida do poeta, pautado pelo gosto pelas coisas simples e despojadas de subterfúgios, inclinamo-nos a crer que continuará a pertencer ao «partido do Menino» e a crer na «sua nudez perpétua verdadeira (Carranca, 2008: 113), ou seja, a perfilhar a crença na simplicidade inicial que revestiu o nascimento de Cristo, sem os artifícios que as igrejas e o mundo lhe foram dando ao longo dos tempos.

O poeta, na sua enorme lucidez, sabendo embora que a ponte ainda não está concluída, sente a iminência da partida para a sua última grande viagem, para a qual todos seremos obrigatoriamente convocados, percebendo também que ela pode ser uma forma de redenção do que se não conseguiu ou não se pôde realizar para melhorar a nossa imperfeição – «ano após ano / os mesmos erros / sempre renovados» (p. 118), «mar gelado das nossas heresias» (p. 19) – e que o devemos fazer «completamente nus / sem margens» (p. 54), sem os atavios supérfluos com que a atividade mundana nos enfeita, fazê-lo simplesmente vestidos com a nossa nudez inicial, a mesma que nos trajou na chegada a este mundo. Ele, na sua solidão crepuscular, «só / como um templo / vazio de deuses» (p. 142), tem o privilégio de conseguir alcançar uma consciência demiúrgica e compreender que não pode fugir ao destino, por absurdo que o mesmo lhe possa parecer, e que alguém o

espera «na ilha / da utopia» (p. 73), paraíso reencontrado, para onde levará a guitarra, o canto e a poesia, companheiros da sua vivência, onde cantará «até as flores sorrirem» (p. 100), e desse lugar inefável ele continuará a compartilhar a alegria da sua permanência connosco, através da sua poesia tão dramática, humanista e repleta de encanto imaginativo.

Bibliografia

Impressa

- Carranca, C. (2008). *Frátria*. Mar da Palavra – Edições, Lda. Coimbra;
- Carranca, C. (2016). *o eu desconhecido*. Talenti-licious. Figueira da Foz;
- Carranca, C. (2020). *Poemas absurdos/A palavra e o mundo*. Talenti-licious. Figueira da Foz;
- Pessanha, C. (1979). *Clepsidra. Textos escolhidos*. (Apresentação crítica, sel., notas e sugestões para análise literária de Teresa Coelho Lopes). Seara Nova. Editorial Comunicação. Lisboa;
- Pessoa, F. (2011). *Livro do desassossego. Compuesto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. Obra essencial de Fernando Pessoa*. (Ed. Richard Zenith). Assírio & Alvim. Lisboa;
- Tavares, A. P. (2019). *Um rio preso nas mãos*. Kapulana Editora. São Paulo;
- Torga, M. (2002). *Obra completa. Contos*. Círculo de Leitores. Rio de Mouro;
- Whitman, W. (2003). *Folhas de erva. Antologia*. (Sel. e trad. José Agostinho Baptista). Assírio & Alvim. Lisboa.

Digital

- <http://seer.uece.br/?journal=PRF&page=article&op=view&path%5B%5D=489&path%5B%5D=558> acedido em 15 de abril de 2021.
- <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/5682/1/arquivototal.pdf> acedido em 15 de abril de 2021.